



EDUCAÇÃO CIÊNCIA E SAÚDE
<http://dx.doi.org/10.20438/ecs.v4i2.75>

A ATUAÇÃO DO PEDAGOGO EM SERVIÇOS PEDAGÓGICO-EDUCACIONAIS NO AMBIENTE HOSPITALAR

Alana Emanuele Araújo¹, Nayara Aparecida Rodrigues¹,
Sheila Maria Mazer-Gonçalves²

¹ Curso de Licenciatura em Pedagogia, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto-SP, Brasil.

² Educadora, Departamento de Educação, Informação e Comunicação, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto-SP, Brasil.
Email para correspondência: sheilamazer@ffclrp.usp.br

Resumo

O objetivo desta pesquisa foi investigar possibilidades de atuação de pedagogos em hospitais buscando delinear como são realizados os atendimentos pedagógicos e escolares aos alunos-pacientes. Participaram quatro pedagogas que atuam em um hospital que, por meio de uma entrevista coletiva vídeo-gravada, descreveram sua atuação pedagógica nos leitos e classes hospitalares. A transcrição da entrevista foi submetida à análise de dados segundo a metodologia de investigação fenomenológica. A discussão dos resultados revelou que estes serviços pedagógico-educacionais em ambiente hospitalar garantem muito mais que acesso, manutenção e continuidade da escolarização das crianças hospitalizadas, pois valorizam e reforçam o direito à Educação de toda e qualquer criança ou adolescente.

Palavras-chave: pedagogia hospitalar, criança hospitalizada, direito à Educação.

Abstract

The objective of this research was to investigate the possibilities of pedagogues in hospitals seeking to outline how the pedagogical and scholar services are performed to student-patients. Participants were four pedagogues who work in a hospital that, through a video-recorded press conference, described their pedagogical performance in hospital classes and beds. The transcript of the interview was submitted to data analysis according to the methodology of phenomenological investigation. The discussion of the results showed that these pedagogical-educational services in a hospital environment guarantee much more than the access, maintenance and continuity of the schooling of hospitalized children, since they value and reinforce the right to Education of any child or adolescent.

Keywords: Hospital pedagogy, hospitalized child, right to education.

1 Introdução

A escola exerce papel fundamental na formação da identidade da criança, no desenvolvimento de habilidades cognitivas e sociais necessárias para a interação com o ambiente. Com o adoecimento, tratamento, hospitalização e, conseqüentemente, afastamento da escola, a criança perde oportunidades de trocas interativas com seus pares, professores, funcionários, além de perda da possibilidade de ampliar seus conhecimentos (MAZER; TINÓS, 2011).

Estar doente é um motivo concreto para a criança sentir-se diferente de outros colegas e familiares que estão saudáveis. Assim, considera-se que as crianças hospitalizadas formam um grupo heterogêneo de alunos com necessidades psicológicas, médicas, sociais e educacionais específicas (ASSIS, 2009). Para González e González (2007), a permanência no hospital por motivo de doença pode acarretar em atrasos escolares que somente serão atenuados a partir da adoção de medidas de apoio para manutenção do processo de ensino-aprendizagem. Desta forma, o atendimento escolar em ambiente hospitalar se organiza de modo que as desvantagens iniciais causadas pela doença e seu tratamento não se tornem desigualdades educacionais definitivas (GONZÁLEZ; GONZÁLEZ, 2007; MAZER-GONÇALVES, 2013).

Na impossibilidade de frequência a escola por conta da hospitalização, as crianças necessitam de formas alternativas de organização e oferta de ensino no hospital de modo a cumprir com os direitos à educação e à saúde. Nesse sentido, o atendimento escolar no hospital, oferecido quando a criança se encontra hospitalizada, começou a ter garantia legal a partir do Decreto 1044/69 (BRASIL, 1998), e foi endossada por outros documentos legais que garantem o direito à Educação (BRASIL, 1988; 1994; 1995; 1996; 1999; 2001; 2002).

De acordo com a Constituição da República Federativa do Brasil (BRASIL, 1988), a Educação é um direito de todos e deve visar ao pleno desenvolvimento da pessoa humana. Logo, este direito também deveria ser garantido à criança e ao adolescente hospitalizado. Já a Política Nacional de Educação Especial (BRASIL, 1994) garante que a educação em hospital deve

ser realizada em classe ou leito hospitalar para a oferta dos serviços e recursos de educação especial. Na área da saúde, a Resolução 41/95 (BRASIL, 1995) trata sobre os Direitos das crianças e adolescentes hospitalizados e garante o acompanhamento do currículo escolar durante sua permanência hospitalar.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996), Lei 9394/96, assegura o serviço de apoio especializado a educandos com necessidades educacionais especiais, onde o aluno-paciente tem seu direito estendido. Além disso, o Decreto 3298/99 (BRASIL, 1999) que prevê a obrigatoriedade dos serviços de Educação Especial nos hospitais para crianças e adolescentes internados a um prazo maior que um ano. Embora o decreto só garanta atendimento às internações de longo período, é um reconhecimento importante tornar os serviços pedagógico-hospitalares da Educação Especial obrigatórios nos hospitais e deveria caber a estes serviços oferecer facultativamente o atendimento às internações mais breves.

Sendo assim, para contribuir com a continuidade e reintegração da vida escolar das crianças hospitalizadas, a Pedagogia Hospitalar surge como campo de conhecimento que se apoia na legislação e no conhecimento da Educação Especial, uma vez que inclui o atendimento ao aluno-paciente que se encontra com necessidades educacionais específicas por motivo de doença e/ou tratamento durante a hospitalização (ASSIS, 2009).

Nesse sentido, o pedagogo no hospital deve ser um profissional capaz de trabalhar com currículos flexíveis, uma vez que seu trabalho se organiza a partir das necessidades específicas de cada aluno-paciente e para isso é necessário estabelecer um contato com a escola regular da criança para continuidade da escolarização (TUFFI, 2011). Além disso, a atuação do pedagogo no hospital visa objetivos educacionais e possibilitam a garantia de acesso, manutenção e continuidade da escolarização das crianças hospitalizadas, o que por sua vez evita o abandono da escola e o fracasso escolar, já que possibilita a apropriação do saber sistematizado e das condições de elaboração de novos conhecimentos, contribuindo para o reingresso dessa criança na escola após o período de hospitalização (BRASIL, 2001; 2002; MAZER-GONÇALVES, 2013).

Todavia, a atuação do pedagogo no ambiente hospitalar requer um espaço para que a ação pedagógica aconteça. Existem diversos tipos de atendimento escolar-hospitalar que são possíveis de serem realizados dentro do hospital, como os atendimentos em Classes Hospitalares, nos leitos das Enfermarias, Ambulatórios, Centros de Hemodiálise, Unidades de Terapia Intensiva (UTI), entre outros (GRANEMANN, 2011).

As Classes Hospitalares são definidas como um espaço físico nos ambientes hospitalares responsável pela manutenção do vínculo entre a escola e a continuidade da aprendizagem da criança, por meio de um currículo flexibilizado e/ou adaptado, favorecendo seu ingresso, retorno ou adequada integração ao seu grupo escolar correspondente, como parte do direito de atenção integral (BRASIL, 2002). E quando a criança está fisicamente impossibilitada de frequentar a Classe Hospitalar, o professor pode levar as atividades no leito, utilizando-se de materiais e recursos adaptados para que seja possível a realização do atendimento pedagógico-educacional (MAZER-GONÇALVES, 2013).

Outra perspectiva para se compreender o trabalho pedagógico desenvolvido em hospitais é o da Pedagogia Hospitalar, conforme apresentada por Fontes (2005a; 2005b; 2008). Para a autora, a Pedagogia Hospitalar é um trabalho especializado e bastante amplo que não se reduz à escolarização da criança hospitalizada. Ela afirma que a Pedagogia Hospitalar incorpora e amplia o conceito de Classe Hospitalar, pois não se restringe necessariamente à transposição do conhecimento escolar para o ambiente hospitalar.

Fontes (2008) traz uma visão crítica do lugar da prática pedagógica no hospital. Para a autora, é preciso avançar na construção de uma prática pedagógica com características próprias do contexto, que é o hospital e não a escola. Nessa perspectiva, a educação entra no hospital buscando romper paradigmas, pois oferece um leque amplo de possibilidades e práticas que não devem estar aprisionados nos enquadres e moldes da escola regular.

As autoras situam a Classe Hospitalar como um tipo de atendimento, uma modalidade dentro da Pedagogia Hospitalar, embora esta seja mais abrangente e possibilite outras práticas educativas. Com esta compreensão, entende-se a Classe Hospitalar como útil e necessária em alguns casos de

internações de longo prazo, já que “oferece um acompanhamento escolar aos pacientes cuja internação requer um período prolongado de afastamento, ou a doença que acomete a criança é crônica e a impede de frequentar regularmente a sala de aula” na escola regular (ALMEIDA; ALBINATI, 2009, p.83). Por outro lado, a Pedagogia Hospitalar, além deste trabalho escolar, trabalharia com atividades lúdicas e de reconhecimento do espaço hospitalar, da doença da criança e de si própria, com o propósito de auxiliar no processo de adaptação à situação de hospitalização, especialmente quando a internação é de curta duração (FONTES, 2005b; 2008).

Embora tenha havido a tentativa de mostrar aproximações e distinções sobre o que se denomina Classe e Pedagogia Hospitalar, compreende-se que se faz necessário ampliar as discussões sobre a construção de uma pedagogia em hospitais, pois não existe consenso sobre a melhor forma de educação que venha ao encontro das necessidades educacionais reais das crianças hospitalizadas. Portanto, há um processo de construção de um saber específico para a atuação do pedagogo em ambiente hospitalar. Há uma indefinição de posturas frente às diferentes perspectivas de trabalho, sendo que no mesmo hospital é possível realizar tanto o acompanhamento escolar tradicional, fazendo contato com a escola de origem da criança e seguindo os conteúdos, como também diversificar as atividades na perspectiva da Pedagogia Hospitalar, construindo-se serviços pedagógicos-educacionais no ambiente hospitalar (FONTES, 2005b).

Diante do exposto, o objetivo desta pesquisa foi investigar a atuação de pedagogos nos atendimentos pedagógicos e escolares em ambiente hospitalar buscando delinear como são realizados estes atendimentos aos alunos-pacientes e as possibilidades de atuação do pedagogo no hospital.

2 Método

A presente pesquisa trata-se de uma investigação de natureza qualitativa com fundamentação fenomenológica baseada na proposta de Martins e Bicudo (2005). A modalidade de pesquisa denomina-se Análise do Fenômeno Situado, sendo um procedimento para coleta e análise dos dados baseada numa análise estrutural, segundo os autores.

A pesquisa qualitativa de fundamentação fenomenológica é basicamente descritiva, a qual é tratada com interpretações. Os dados são coletados através da descrição feita pelos sujeitos que experienciaram o fenômeno. Para tanto, obter as falas dos participantes na pesquisa fenomenológica, por meio de entrevista, possibilita acessar a vivência dos sujeitos e os significados a ela atribuídos (MARTINS; BICUDO, 2005).

Nesta modalidade, o pesquisador busca nas descrições as convergências ou a invariante, aquilo que é comum que aparece nas descrições. Ao lê-las, o pesquisador procede à análise interpretativa, a fim de identificar os significados nelas contidos para então construir seu discurso (FINI, 1994; MARTINS; BICUDO, 2005).

2.1 Participantes

Participaram deste estudo quatro professoras que atuam em serviços pedagógico-hospitalares em um Hospital no interior de São Paulo. As professoras são pedagogas habilitadas em Educação Especial e atuam no hospital por mais de cinco anos. São comissionadas pela Secretaria da Educação do Estado e vinculadas a uma escola estadual próxima ao hospital, pertencente à Diretoria Regional de Ensino.

Os aspectos éticos relacionados à pesquisa foram atendidos, sendo que as professoras assinaram termo de consentimento livre e esclarecido, concordando com a participação na pesquisa.

2.2 Local

O Hospital, onde as participantes trabalham, é um hospital-escola mantido pelo governo do Estado de São Paulo, sendo vinculado à Secretaria de Estado da Saúde e associado a uma Universidade Estadual. A área de atuação do Hospital concentra-se basicamente no município residente e região, entretanto, ante as suas características de hospital de referência para atendimentos complexos atende também pacientes de outros estados.

2.3 Procedimento de coleta e análise dos dados

Os dados foram coletados por meio de uma entrevista coletiva vídeo-gravada que partiu de uma questão norteadora: Como é o serviço pedagógico-

educacional realizado neste hospital? A partir desta questão as professoras descreveram as possibilidades de atuação pedagógica no ambiente hospitalar e a construção dos serviços educacionais da Educação Especial para os alunos-pacientes de acordo com as especificidades do hospital em que atuam.

A partir dos dados obtidos na entrevista, seguiu-se o procedimento de análise de dados da pesquisa de fundamentação fenomenológica, proposto por Martins e Bicudo (2005). Os autores sugerem que a análise compreensiva seja realizada por meio da leitura geral do material, a fim de compreender de uma forma intuitiva o modo do sujeito existir na situação que descreve. Posteriormente, é realizada uma leitura atenta do material descritivo, quantas vezes foram necessárias, até que a fala do sujeito, relacionada ao objetivo da pesquisa, emerge, possibilitando a apreensão das unidades de significado. Cada unidade de significado foi transformada, através de trabalho reflexivo, em discurso científico pelas pesquisadoras, que buscaram encontrar as convergências e divergências entre as unidades de significado, construindo assim as categorias temáticas. Por fim, as pesquisadoras articularam uma compreensão a partir das categorias temáticas, realizando análise e conclusões consistentes sobre o fenômeno estudado.

3 Resultados

A partir da análise fenomenológica da entrevista com as professoras que atuam nos atendimentos pedagógicos e escolares no ambiente hospitalar foi possível organizar os dados em duas categorias temáticas.

3.1. Rotina dos serviços pedagógico-educacionais no ambiente hospitalar

Dentre as quatro professoras entrevistadas, duas realizam seu trabalho em classes hospitalares, sendo uma no andar da Pediatria (P1) e uma no andar da Ortopedia (P2). Além da atuação em classes, há uma professora que faz o trabalho pedagógico nos leitos (P3) para as crianças impossibilitadas de se movimentarem no andar da Pediatria. E uma professora realiza um trabalho pedagógico-escolar itinerante nos leitos em todo o hospital (P4).

O público-alvo dos atendimentos são crianças e jovens matriculados ou não em escolas regulares do primeiro ao nono ano do Ensino Fundamental. No

entanto, como ressaltam as professoras, não deixam de atender alunos-pacientes com idade escolar compatível com o Ensino Médio.

[...] nós temos do primeiro ao nono ano,[...] também não deixamos de atender quando é Ensino Médio, mas a prioridade é do primeiro ao nono ano [...] (P1)

Por outro lado, pode-se questionar a respeito do atendimento escolar hospitalar às crianças em etapa da Educação Infantil (zero a cinco anos) que, até o momento da entrevista, não eram atendidos pelas professoras mesmo com a implementação da Lei 12.796/13 (BRASIL, 2013) que prevê a Educação Infantil a partir dos quatros anos de idade como idade e etapa escolar obrigatória.

Mazer (2009) defende, em sua pesquisa, que cabe ao professor hospitalar estender o serviço educacional às crianças da Educação Infantil e também aos adolescentes do Ensino Médio quando se encontram hospitalizados. Nesse caso, o acesso ao atendimento pedagógico-educacional em ambiente hospitalar deve ser estendido para todas as crianças e adolescentes internados, pois estes se encontram afastados da escola e sujeitos às mesmas adversidades da hospitalização, como fracasso e/ou abandono da escola, independentemente de estarem matriculados apenas no Ensino Fundamental.

No hospital onde a pesquisa foi realizada, a primeira Classe Hospitalar que se instituiu foi no andar da Pediatria, onde se encontra uma maior concentração de crianças e adolescentes, sendo assim, como dito anteriormente, o andar conta com duas professoras, a que permanece na classe e a que atende os alunos-pacientes nos leitos, caracterizando dois tipos de atendimento, pedagógico e escolar, que se complementam na rotina hospitalar, formando um serviço de atendimento ao aluno-paciente.

[...] então tem toda aquela rotina [...] uma vez que a criança interna, a gente vai até ela, conversa com a família, conversa com o aluno, todas as informações que a gente consegue é importante pra depois a gente começar os contatos com a escola, todo o processo (P1).

As professoras são comissionadas pela Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, vinculadas a uma escola estadual pertencente à Diretoria

Regional de Ensino, que é próxima ao Hospital onde atuam. Por estarem ligadas a uma escola regular, as professoras seguem os mesmos horários da escola regular, de segunda a sexta-feira nos períodos da manhã. No entanto, é no período da manhã que a rotina hospitalar é mais intensa, pois é o momento em que os procedimentos médicos e de higiene são realizados, competindo com os horários dos atendimentos pedagógicos e escolares.

Só que na rotina hospitalar tem, na mesma hora que a sala [...] tem bastante aluno, já não tem mais, porque aí tem um procedimento, tem um exame, tem medicação [...], então, na mesma hora que tem aluno, de repente não tem mais, aí volta de novo (P1).

Tem médico que faz o procedimento na salinha mesmo (P4).

Já no período da tarde, a rotina hospitalar tem maior disponibilidade de horários, o que poderia ampliar as possibilidades de atendimento das questões escolares; o que não acontece no hospital e serviços que fazem parte desta pesquisa. Fonseca (2008) discute que a rotina de atividades da escola hospitalar é mesclada por uma diversidade de acontecimentos, como, por exemplo, a necessidade de voltar à Enfermaria, a chegada de uma visita, entre tantas outras situações que poderiam ser consideradas intercorrências, porém para o serviço pedagógico-educacional acaba se tornando parte da dinâmica de atividades.

O atendimento escolar é feito individual ou em pequenos grupos com as crianças e/ou adolescentes e conta com a participação ativa dos acompanhantes, que tem bastante importância para o processo dos atendimentos, uma vez que este tem uma relação mais próxima com a criança, servindo como interprete e facilitador das relações com os profissionais do ambiente hospitalar (FONSECA, 2008).

Em relação aos conteúdos desenvolvidos com as crianças nos atendimentos escolares, tanto na classe quanto nos leitos, são pertinentes ao currículo pedagógico das instituições escolares as quais as crianças estão matriculadas e de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998), visto que assim que as crianças dão entrada no hospital é realizado o contato com as escolas para que a escolarização do aluno-paciente não seja interrompida.

[...] quando eles chegam, nós ligamos pras escolas pra avisar [...] conversa com a diretora ou a coordenadora e vê a situação que tá a criança, se a atividade, se eles querem mandar por e-mail. Na maioria das vezes, assim, elas gostam que a gente faça o nosso trabalho, né, 'pode fazer o trabalho de vocês que a gente assina embaixo' [...] nós damos pra eles um atestado de frequência [...] (P4).

Em sua prática educacional diária, a Classe Hospitalar e os atendimentos escolares realizados no leito, devem visar à continuidade do ensino de conteúdos da escola de origem da criança e/ou o trabalho educativo com conteúdos programáticos próprios a cada faixa etária das crianças hospitalizadas, levando-as a sanarem dificuldades de aprendizagem e/ou à oportunidade da aquisição de novos conteúdos, além de proporcionar intervenção pedagógico-educacional não propriamente relacionada à experiência escolar, mas que vise às necessidades intelectuais e sócio-interativas do desenvolvimento e da educação da criança hospitalizada (CECCIM, 1999).

De acordo com as professoras, após o contato com as escolas é feito um combinado para que estas enviem as atividades rotineiras para serem desenvolvidas com os alunos no ambiente hospitalar. As professoras chamam a atenção para o fato de que os alunos-pacientes, mesmo entre aqueles com a mesma idade escolar, muitas vezes, devido a sua condição de saúde e afastamentos frequentes da escola, podem não conseguir acompanhar o ano escolar em que estão matriculados. Sendo assim, o trabalho educacional é realizado em cima das demandas específicas do aluno e suas dificuldades, adaptando-se o conteúdo curricular da escola de origem para a realidade da escolarização no ambiente hospitalar. Assim, ensino é adaptado usando recursos lúdicos, jogos, brincadeiras, leituras, recursos de multimídia, entre outros.

[...] Cada aluno, mesmo ele estando na mesma série, cada aluno é uma realidade, porque às vezes chega um aluno do quinto ano que ele nem tá alfabetizado, e tem aluno do quinto ano que a gente já vai dar atividades diferentes, de acordo com a série, tem uns que a gente vai ter que adequar àquela dificuldade (P1)

[...]a gente pega o currículo da escola e adequa, né, tem jogos, tem brincadeiras, tem leitura [...] (P3)

[...] a gente tem um material muito bom, [...] a gente vai muito atrás de atividades diferenciadas, atividades que chamam a atenção da criança, [...] a gente procura sempre tá enriquecendo cada vez mais nosso material (P1)

Assis (2009) entende que, independentemente da doença e tratamento, o aluno-paciente tem necessidades educacionais especiais, uma vez que sua situação de adoecimento o impossibilita de frequentar a escola regular e participar de seu cotidiano social, excluindo-o de oportunidades sociais com seus pares e professores e de situações de ensino e aprendizagem importantes para sua vida acadêmica e social, seja em caráter temporário ou prolongado. E por esse motivo, o aluno-paciente pertenceria à Educação Especial e teria direito a um serviço de apoio pedagógico especializado, que compreende o atendimento escolar oferecido nas Classes Hospitalares e nos leitos.

Quando a criança tem alta hospitalar as professoras fornecem para a escola um atestado de frequência que, acompanhando o atestado médico, já consta o tempo necessário para o afastamento do aluno mesmo fora do hospital, sendo assim, de acordo com a legislação do Ministério da Educação (BRASIL, 2002), a criança tem direito ao atendimento pedagógico domiciliar uma vez que a interação hospitalar não seja mais necessária, mas o retorno à escola ainda não seja possível. Neste documento fornecido às escolas, além do abono de faltas, evitando, assim, a reprovação escolar, constam todas as atividades realizadas no período em que o aluno-paciente permaneceu hospitalizado.

Nós damos pra eles [alunos] um atestado de frequência aqui da escola, o que nós trabalhamos com eles, pra poder a escola ficar documentada né, e eles agradecem muito, a escola, por isso, por esse documento (P4).

3.2. Contribuições dos serviços pedagógico-educacionais no ambiente hospitalar

Afastado do seu contexto escolar e social devido à hospitalização, o aluno-paciente está sujeito a situações estressantes que podem ser minimizadas pela intervenção pedagógica que conjunta com a equipe de saúde, e que deve buscar o seu bem-estar em situação de adoecimento e aproximar ao máximo de sua rotina anterior à hospitalização (CALEGARI,

2003). Além disso, a criança e o jovem hospitalizados, além do direito a um atendimento de saúde mais humanizado, tem a possibilidade de desfrutar da continuidade de sua escolaridade.

[...] é um trabalho pedagógico com a parte de humanização do hospital, [...] a criança, ela tem aquele todo direito, da parte pedagógica, de continuar a vida dela escolar, ter um bom retorno quando ela volta pra casa, quando ela volta pra escola, não tá totalmente perdida [...] desse meio escolar dela, dessa parte social (P3).

Apesar do trabalho escolar realizado no hospital contribuir para a humanização do atendimento às crianças, deve-se ser destacado que tem seus objetivos pedagógico-educacionais próprios que lhe garantem importância e legitimidade, uma vez que a concepção de humanização no ambiente hospitalar visa à promoção de saúde por meio de ações humanas e interações sociais, e os atendimentos pedagógico-educacionais, além disso, visam a promoção da escolarização, operando pedagogicamente em prol do desenvolvimento psíquico e cognitivo da criança e do adolescente hospitalizados, promovendo, assim, a continuidade da vida escolar anterior ao contexto de doença (ASSIS, 2009; CALLEGARI, 2003).

Também é possível desvelar, na fala das professoras, o quanto o atendimento escolar no hospital é significativo para as crianças e jovens hospitalizados.

Nós deixamos atividades também pra tarde [...] eles já levantam de manhã, fazem os procedimentos e vão lá pra salinha de aula já com tudo na mão para corrigir (P4).

Hospital é um ambiente pesado né, a criança já se sente estressada por estar aqui, aí, no momento que ela se depara com coisas diferenciadas, que é de escola, que é da vida...! (P2)

Como afirma Fontes (2008), a atuação dos professores é significativa para as crianças hospitalizadas, uma vez que as atividades pedagógicas e educacionais possibilitam minimizar os efeitos da hospitalização, na medida em que atendem as necessidades básicas de desenvolvimento infantil quando estão em situação de risco. O período de hospitalização é transformado, então,

num tempo de aprendizagem, de construção de conhecimento e aquisição de novos significados.

As professoras evidenciam que seu trabalho é constantemente reconhecido tanto pelas escolas de origem quanto pela equipe de saúde das crianças e adolescentes, uma vez que o trabalho educacional realizado contribui para a recuperação dos alunos-pacientes. Callegari (2003) e Zombini (2011) salientam que o contato com outras crianças no hospital por meio das atividades escolares contribui para o desenvolvimento social, contribuindo para o ajustamento e enfrentamento da hospitalização.

Em trabalho realizado por Ceccim e Fonseca (2001) evidenciou-se que o atendimento educacional contribui para uma redução no período de internação.

Eu acho que a importância é a continuidade da vida escolar do aluno [...] é de ele continuar o processo de aprendizagem [...] para ele não ficar desvinculado da escola o tempo que ele fica aqui em tratamento de saúde (P1).

[...] eles se sentem [...] como se não estivessem dentro do hospital, como se estivessem dentro de uma sala de aula mesmo [...] ajuda demais na recuperação. (P2)

O professor-pedagogo é o elo principal entre o hospital, a escola e a vida, uma vez que tem o papel de mediar as relações interpessoais, de modo a motivar os alunos-pacientes a superar suas dificuldades para que o seu processo de desenvolvimento não seja interrompido, almejando a continuidade da aprendizagem. O professor tem papel fundamental para que o elo com o mundo além das barreiras do hospital seja mantido, independente de suas dificuldades, mas voltado para o potencial dos alunos-pacientes (ASSIS, 2009; CALLEGARI, 2011).

4 Conclusão

Sabe-se que a formação de professores para a atuação em ambiente hospitalar é complexa e requer conhecimentos multidisciplinares (MAZER-GONÇALVES, 2013). Por isso, pensar nas possibilidades de atuação de pedagogos em hospitais por meio de serviços pedagógico-educacionais em ambiente hospitalar, traz elementos para questionarmos se esta formação está garantindo uma atuação eficiente e adequada frente às necessidades

educativas especiais do aluno-paciente, dadas as especificidades do hospital enquanto ambiente de aprendizagem e das características peculiares do atendimento escolar nesse espaço.

Os tipos de atendimento pedagógico e escolar no hospital, seja na Classe Hospitalar ou o trabalho pedagógico itinerante nos leitos, realizados pelas professoras entrevistadas, nesta pesquisa, podem ser considerados serviços pedagógico-educacionais em ambiente hospitalar. Há que se ponderar que o atendimento escolar realizado pelas professoras vai de encontro ao que a legislação propõe sobre a continuidade da escolarização de crianças e adolescentes internados nos hospitais, buscando o vínculo com a escola de origem do aluno-paciente (BRASIL, 2002); enquanto pedagógico pode ser considerada a forma como as professoras organizam as atividades de cunho educativos necessárias ao processo de ensino e aprendizagem; o que pode ir além do currículo escolar. Nesse sentido, o atendimento pedagógico e escolar no ambiente hospitalar como um serviço da Educação Especial pode ser compreendido como um amplo espectro de possibilidades de atuação do pedagogo em ambiente hospitalar.

Assim, ao buscar delinear como são realizados os atendimento pedagógico-educacionais aos alunos-pacientes nesta pesquisa, foi possível desvelar que os saberes necessários para o pedagogo atuar em hospitais, tanto nas Classes Hospitalares quanto nos leitos, requer a construção de um trabalho em parceria com a equipe de saúde do hospital e que este trabalho seja direcionado para a humanização do atendimento hospitalar como um todo, visando, especialmente manter o vínculo do aluno-paciente com a vida fora do hospital, principalmente com a escola de origem da criança.

Embora o hospital seja um espaço onde é prevalecente o sofrimento advindo da doença e da hospitalização, mostrou-se um local possível para a atuação pedagógica delineando-se como um ambiente onde ocorre a aprendizagem significativa para as crianças. E nesse contexto, a construção de uma rotina de um serviço pedagógico-educacional, inserida dentro da rotina do contexto hospitalar, se constituiu como uma ferramenta importante para que os atendimentos escolares nos leitos e nas Classes Hospitalares fossem realizados.

É relevante reiterar o que a fala das professoras desvelaram neste trabalho ao sinalizar que a flexibilidade da atuação pedagógica é de extrema necessidade, pois o trabalho do pedagogo hospitalar deve somar-se ao tratamento médico-hospitalar, considerando a rotina de tratamento do aluno-paciente, mas visando sempre o elo entre o mundo hospitalar e o mundo-vida desta criança. E nada mais significativo na vida de uma criança que a escola e a possibilidade de dar continuidade ao seu processo de escolarização e aprendizagem mesmo em condições adversas como a que a hospitalização impõe.

Assim, o atendimento pedagógico e escolar em ambiente hospitalar oferece ao aluno-paciente a possibilidade de manter o foco no seu desenvolvimento e na aprendizagem de novos conteúdos para a vida. Este atendimento garante que a criança, quando retornar para a escola de origem e mesmo os que não estão matriculados ainda, sinta-se parte do grupo escolar, continue acompanhando o desenvolvimento dos conteúdos do currículo da escola, pois muito aprendeu enquanto esteve internada. Desta forma, podemos considerar que estes serviços pedagógico-educacionais, oferecidos em ambiente hospitalar, garantem muito mais que acesso, manutenção e continuidade da escolarização das crianças hospitalizadas, pois valorizam e reforçam o direito à Educação de toda e qualquer criança ou adolescente.

5 Referências

ASSIS, Walkiria. **Classe hospitalar**: um olhar pedagógico singular. São Paulo: Phorte, 2009.

BRASIL. Casa Civil. Decreto no. 3298 de 20 de dezembro de 1999, regulamenta a Lei no 7.853, de 24 de outubro de 1989, dispõe sobre a Política Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, consolida as normas de proteção e dá outras providências. Brasília: Imprensa Oficial, 1999.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Parecer CEB 6/98, de 7 de abril de 1998. Entendimento a respeito da vigência do Decreto Lei n. 1.044/69, que

dispõe sobre o tratamento excepcional para portadores de afecções. Diário Oficial da União, Brasília, 7 abr. 1998.

BRASIL. Casa Civil. Lei 12.796 de 4 de abril de 2013. Altera a Lei 9.394 para dispor sobre a formação dos profissionais da educação e dar outras providências. Brasília: Subchefia para assuntos jurídicos, 2013.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica**. Resolução CNE/CBE nº 17 de 03/07/2001. Diário Oficial da União, Seção 1 de 17/08/2001, pp.46. Brasília: Imprensa Oficial, 2001.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Imprensa Oficial, 1988.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei n.º 9394 de 20 de dezembro de 1996. Brasília: Imprensa Oficial, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Especial. **Política Nacional de Educação Especial**. Brasília: MEC/SEESP, 1994.

BRASIL. Ministério da Educação. **Classe hospitalar e atendimento pedagógico domiciliar: estratégias e orientações**. Brasília: MEC/SEESP, 2002.

BRASIL. Ministério da Justiça. **Direitos da Criança e do Adolescente Hospitalizados**. Resolução no. 41 de 13 de outubro de 1995 do Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente - CONANDA. Brasília, 1995.

CALEGARI, Aparecida Meire. **As inter-relações entre educação e saúde: implicações do trabalho pedagógico no contexto hospitalar**. 2003. 141f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Estadual de Maringá, 2003.

CECCIM, Ricardo Burg. **Classe hospitalar: encontros da educação e da saúde no ambiente hospitalar**. Pátio, ano 3, no. 10, 1999, p. 41-44.

CECCIM, Ricardo Burg; FONSECA, Eneida Simões. **Classes hospitalares, onde, quantas e por quê?** Encontro Nacional sobre Atendimento Escolar Hospitalar, 1, Anais. p. 55-60. Rio de Janeiro: UERJ, 19 a 21 de julho de 2000.

FONSECA, Eneida Simões. **Atendimento escolar no ambiente hospitalar.** 2 Ed. – São Paulo: Memnon, 2008, 104p.

FONTES, Rejane. **Da classe à pedagogia hospitalar:** a educação para além da escolarização. Linhas, v. 9, n.1, p. 77-92, 2008.

GONZÁLEZ, Eugênio.; GONZÁLEZ, Crescenciana. **Classes Hospitalares.** In: GONZÁLEZ, Eugênio. (Coord.). Necessidades educacionais específicas: intervenção psicoeducacional. (Trad. D. V. Moraes). Porto Alegre: Artmed, 2007, p. 344-369.

MARTINS, Joel.; BICUDO, Maria; **A pesquisa qualitativa em psicologia:** fundamento e recursos básicos. 5ª. Edição. São Paulo: Centauro, 2005, 110p.

MATOS, Elisete Moreira; MUGGIATI, Margarida Maria Teixeira de Freitas. **Pedagogia hospitalar.** Curitiba: Editora Universitária Champagnat. Coleção Educação, teoria e prática. 2001. 90p.

MAZER, Sheila Maria. **Classe Hospitalar como possibilidade de atuação do pedagogo: compreendendo trajetórias profissionais de professoras.** 2009. 103p. Monografia de Trabalho de Conclusão de Curso. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2009.

MAZER, Sheila Maria.; TINÓS, Lúcia Maria Santos. **A educação especial na formação do pedagogo da classe hospitalar:** uma questão a ser discutida. Revista Educação Especial, Santa Maria, v. 24, n. 41, p. 377-390, 2011.

MAZER, Sheila Maria.; TINÓS, Lúcia Maria Santos. **A formação inicial do pedagogo para atuação na Classe Hospitalar.** In: VI Congresso Brasileiro de Educação Especial, 2014, São Carlos. V Congresso Brasileiro de Educação Especial, 2014.

MAZER-GONÇALVES, Sheila Maria. **Construção de uma proposta de formação continuada para professores de classe hospitalar.** 2013. 132p. Tese (Doutorado). Programa de Pós-graduação em Educação Especial, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2013.

TUFFI, Edson Bucko. **O perfil do professor do hospital – em um outro contexto, um novo desafio.** In: Congresso Nacional de Educação – EDUCERE, 10, Curitiba, Anais, 2011.

ZOMBINI, Edson Vanderlei. **Classe hospitalar: uma estratégia para a promoção da saúde da criança.** São Paulo, 2011.